



12º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

PEDAÇO DE MAR

Autor(es)

RENATO BRADBURY DE OLIVEIRA

Contos / Crônicas

I - Na varanda (ou como me apaixonei).

Sephore caminhava. Caminhava do escuro do quarto até a porta entreaberta da varanda. Não era apenas uma distância física que ela percorria, era uma distância obrigatoriamente semântica. Do interior de uma intimidade tão próxima e crua entre dois corpos para um novo tipo de intimidade (mais complexa e quase imperceptível), dessa vez entre um corpo e o vazio das ideias mal digeridas sobre o universo, a vida e, até sobre o amor. Ela ficou ali por algum tempo, olhando com o fundo dos olhos para dentro de seu quarto escuro, onde jamais ninguém (nem mesmo com a força de mil paixões) poderia acessar sua intimidade absoluta, fonte remota daquela doçura misteriosa que, para mim, havia vertido em seu ser algo de divino.

Naquele exato momento, por mais que eu gostasse do cheiro de seu cabelo e da entonação de sua voz, (além da maciez de cada pedaço de seu corpo) me encontrei subitamente fascinado pelo mistério que a atraiu para aquela varanda fria, para aquela solidão serena perdida no meio da noite. Foi como um chamado que me conduziria para qualquer lugar menos pretensioso que o agora, esta forma maníaca de classificar o eterno retorno do corpo no plano da passagem do tempo. No fundo, quase no limite do entendimento, eu sabia que aquilo era o fim da humanidade. Era a vida se fazendo valer, transbordando na paisagem noturna a chance de transformar a solidão de dois seres numa imersão quase imperceptível pela cadência infinita das memórias.

Sephore descansava. Já em agradável repouso, se notava que sua respiração era tão suave quanto uma respiração oceânica. Era o sentimento singelo das tardes melancólicas de outono, um outono imaginado, pacífico, que me acalentava a alma solitária durante a adolescência triste. Conforme descobria nela uma nova tarde de outono, desta vez materializada, parecia que em nosso leito havia algo de oceânico tentando nossos corpos: era como deveria parecer o fundo do mar quando este descansava sereno e suas ondas desfaleciam brandas na orla. Por dentro dos lençóis me encontrava imerso em sua respiração, meus braços a encobriam como se a distância entre a realidade e nosso fundo do mar outonal fosse apenas um mal entendido.

Amá-la, tê-la ao meu redor: “era como o café de todas as manhãs”. Assim, durante a ocasião, vários foram esses meus pensamentos de elevação da musa: “[amá-la, tê-la] era como a vista infinita de dentro das janelas dos carros, como sentir a contagiosa alegria confusa (e nem por isso menos legítima) das crianças, como ouvir a palavra e sentir o mundo renovado, como dançar com a lua e as estrelas, como ser a pureza solar”. Sinceramente que digo: para mim, o encontro entre dois seres é como se encantar pelo (des)arranjo momentâneo do tempo presente e não saber dar explicações a si mesmo, e mesmo assim não se sentir traído, pelo contrário, se encontrar feliz por estar vivo num mundo de sinfonias, tão inesgotável!

E lá, onde jazia o conforto delirante de nossos corpos, eu sondava com minha imaginação ideias disformes, sempre procurando a palavra, enquanto via naquele corpo sereno deitado ao meu lado o brilho singelo e frágil da vida, da morte, enfim, do universo ... Sephore reinava sobre mim... Lentamente... Olhos fechados...

II - Na ladeira (ou como me encontrei).

No abismo das palavras é que Sephore caminhava, descalça...

Numa rua cinza e escura, olhava para baixo observando os próprios pés enquanto tudo se movia.

Muros pretos, calçadas brancas.

“Na ladeira... Na ladeira... Que preguiça,” Cantou alegre uma barata sentada na calçada, antes de tragar para dentro de seu ser a fumaça do tabaco. “Ela des-cia a ladeira...” Soltava a fumaça densa enquanto balançava as antenas. A barata olhou para Sephore e terminou sua canção, “Que preguiça...”.

“... subir na descida,” Emendou mais um verso a criatura enquanto sapateava pela rua exalando tabaco e esgoto. Tragou e retomou a cantoria, fazendo os versos de sua canção ecoarem através das paredes silenciosas das casas.

Sephore apladiu o espetáculo enquanto a barata descia a rua escura. Só se via as nuvens de tabaco do ser minúsculo...

Sephore caminhava...

Já plena neste mundo xilográfico, balançava o corpo perto da casa com grades pretas e pontas de lança tão antigas que já não poderiam perfurar a carne, esvaziar o sangue do músculo. A calçada de pedras justapostas sofria uma grande elevação graças à árvore frondosa que sustentava o tom obscuro da casa.

Mesmo com tantos postes de iluminação aproximando aquela rua da civilização das luzes, da constelação de pontos luminosos que se tornava a cidade de noite, aquela casa permanecia incauta na idade das trevas. Da calçada, Sephore caminhava olhando para aquele jardim escuro de rosas negras e samambaias secas enquanto sua sombra dançava entre morcegos vorazes e mariposas enfeitadas pelo caos da cidade.

De calçada em calçada a moça voava como um fantasma. Pairava nas janelas das casas e dançava com melancolia, exibia sua intimidade com as entranhas da cidade. Seguia obscura e gelada pela rua...”Na ladeira...Na ladeira...” Sephore cantava os versos da barata inusitada enquanto caminhava. “Que preguiça...”.

Pousou no fim do lume. “Ela des-cia a ladeira...”.

No fim de tudo, na beirada da lamúria terminou sua estrofe: “Que preguiça...”

“... subir na descida”.

Sephore caía... Esquecida no meio da rua.

Levanto assustado... Minha paisagem está tranquila:

Sephore, entre lençóis, dormia nua.

.
